

Crise desestrutura setor agrícola

CB — Técnicos do Governo acreditam que a adoção do sistema equivalência-produto para o crédito rural representa uma mudança muito brusca para o setor agrícola. Não seriam mais convenientes promover alterações no sistema em vigor, com adequação dos preços mínimos à realidade nacional?

Nuri — Não. A grande realidade nacional é que o setor agrícola vem sendo expoliado ao longo dos últimos dez anos e não suporta mais "jeitinhos" no sistema em vigor. Os agricultores estão pagando a conta deste País e por isso estão quebrados. Os tribunais estão decidindo que a TR não pode ser aplicada ao crédito rural, portanto não cabem adaptações. Os nossos recursos foram transferidos para o sistema financeiro, que não produz um grão de feijão; os bancos ficaram ricos e os agricultores pobres.

CB — Os recursos do setor agrícola estão sendo transferidos para o setor financeiro?

Nuri — Sim. Hoje o setor agrícola tem apenas oito bilhões de dólares. De 1979 a 1982 os valores à disposição do produtor superavam 20 bilhões de dólares,

O último censo do IBGE revela que o País tem um déficit de dez milhões de moradias, mas no campo existem cinco milhões de casas que foram abandonadas

emprestados com juros mas sem correção monetária pelo Banco do Brasil e bancos privados. Aos poucos eles foram reduzidos e transferidos para Companhia de Financiamento da Produção (CFP) e bancos onde virou matéria de especulação financeira.

CB — Como é que funciona o sistema?

Nuri — Até 1978, do total de depósito à vista nos bancos, 50 por cento ia para o Banco Central, 35 por cento se destinava a livre aplicação e 15 por cento à chamada exigibilidade — ia para agricultura a custo zero no crédito.

Às vésperas do Conselho Nacional de Política Agropecuária decidir-se sobre a adoção da equivalência-produto no crédito rural, o secretário de Agricultura do GDF Nuri Andraus fala ao **CORREIO BRAZILIENSE** sobre essa alternativa, destacando a sua importância, a sua atualidade e a sua extrema funcionalidade. Nuri Andraus aborda a crise que desestruturou o campo e que no momento não dispõe de uma outra opção para reverter o quadro de dificuldades que uma agricultura endividada e descapitalizada sem condições de sobrevivência e de recuperação.



Para Nuri Andraus o setor agrícola não suporta mais "jeitinhos"

to rural. É natural: se chegava a custo zero para os banqueiros deveria ser aplicado a custo zero. Mas hoje não é assim. Do total de depósitos à vista, metade continua indo para o Banco Central; 25 por cento foi para livre aplicação no mercado; a agricultura tem 25 por cento. Hoje os banqueiros se remuneram com 12 por cento mais TR quando prestam ao produtor, ou ganham seis por cento, mais TR quando deixam no Banco Central.

CB — O Banco do Brasil também participou dessa onda especulativa?

Nuri — Sim. Certamente este não é um papel condizente com as tradições do Banco do Brasil. Muitos servidores criticaram a orientação dada à instituição nestes últimos anos. A chegada do novo presidente, Alcir Calliari, um servidor de carreira, serviu para que o Banco do Brasil retomasse seu caráter de banco fomentador e não especulador. Foi retomado o diálogo através dos secretários de agricultura e entidades de classe, permitindo a definição do sistema equivalência-produto. Ele reconhece que o atual sistema está falido.

CB — O senhor reconhece que existem resistências no novo sistema não apenas no Banco do Brasil mas em outros setores no Governo Federal?

Nuri — A resistência é um processo natural. Algumas pessoas agem assim por prudência, outras por desconhecerem a realidade da agricultura, e há aqueles que estão a serviço de outros interesses. O fato é que existe um movimento no País, visando à moralização do setor agrícola, com a implantação de uma política adequada aos interesses da Nação.

CB — A criação de um fundo que cobriria as perdas do produtor na equalização, não significaria beneficiar uma classe de detrimento do restante da sociedade?

Nuri — Em primeiro lugar é preciso frisar que no mundo inteiro a agricultura é subsidiada, e ninguém reclama que o Estado está beneficiando um setor. Isto porque a agricultura é o setor que mais rapidamente e em maior volume dá retorno à sociedade. Tradicionalmente saiu muito mais caro para o Estado manter um homem na cidade que no campo. O êxodo rural é uma tragédia que se torna comum neste País. E não é preciso ir para o Nordeste para sentir o drama. O último censo do IBGE revela que o País tem um déficit de dez milhões de moradias, mas no campo existem cinco milhões de casas, abandonadas. Este é o melhor atestado do desastre provocado pela implanta-

ção, pelos banqueiros desta política de crédito rural.

CB — O Banco do Brasil tem feito simulações sobre o que aconteceria caso fosse adotada a equivalência-produto. O grande problema é o suprimento do Fundo de Equalização que garantiria ao produtor a cobertura quando o preço de seu produto estivesse em baixa no mercado inviabilizando o pagamento do empréstimo. Algumas dessas simulações — pois depende da época de tomada de empréstimo — consideram que o Fundo necessita de 300 milhões de dólares, ou 800 milhões de dólares, na pior hipótese. Isso não é um valor muito grande para a União, ainda mais agora que falta caixa?

Nuri — De modo algum. É até modesto para o alcance econômico e social com a implantação do sistema. E o Fundo não precisa vir integralmente da União. Na verdade ele pode ser constituído pelas reservas dos depósitos compulsórios e também por novas fontes, como a Poupança-Ouro e o Fundo de Commodities. A medida que a sazonalidade de

Segundo o secretário Nuri Andraus, no mundo inteiro a agricultura é subsidiada, e ninguém reclama que o Estado está beneficiando o setor

preços for eliminada a ida do produtor ao Fundo será cada vez menor. Hoje, em dois meses, o produtor coloca toda produção no mercado a preços reduzidos; nos outros dez meses o mercado se beneficia das altas decorrentes.

CB — No dia 10 de maio o Conselho Nacional de Política Agropecuária — CNPA, recebe oficialmente a proposta de adoção do sistema equivalência-produto. Qual a sua expectativa?

Nuri — A melhor possível. Afinal quem está levando a proposta é o Fórum Nacional de Secretários de Agricultura em conjunto com a Sociedade Rural Brasileira, Contag, CNA. Nós representamos os interesses dos produtores rurais deste País.

EDÉSIO CHIANCA
MISSA DE 7º DIA

GUIOMAR (esposa), MIRTZI, WILLIAM, WAGNER, ANTÔNIO, VITÓRIA, MIRIAM, genros, noras, e netos convidam p/ a MISSA que será celebrada hoje na Igreja Santo Antônio (911 Sul) às 18:00 do dia 02/05/93.